

# A singularidade do lugar em *The Turquoise Ledge* de Leslie Marmon Silko

ISABEL MARIA FERNANDES ALVES\*

PALAVRAS-CHAVE: *The Turquoise Ledge*, Leslie Marmon Silko, Lugar, Ameríndios, Ecocrítica, Caminhar.

KEYWORDS: *The Turquoise Ledge*, Leslie Marmon Silko, Place, Native Americans, Ecocriticism, Walking.

«Viewers are as much a part of the landscape as the boulders they stand on» (Silko, 1996: 266), sublinha Leslie Marmon Silko em «Landscape, History, and the Pueblo Imagination». Esta afirmação pretende ilustrar a cosmovisão do seu povo, os Pueblo, para quem a relação entre o ser humano e o lugar é sólida e inabalável. Veiculando uma visão ancestral, Silko reforça a ideia de que aquele que observa um determinado local não é uma entidade separada do espaço físico que o circunda: «The land, the sky, and all that is within them – the landscape – includes human beings» (Silko, 1996: 267).<sup>1</sup> A percepção que os Pueblo têm do mundo é inclusiva – «the impulse was to leave nothing out» (Silko, 1996: 268) – e, por isso, não concebem a sua existência sem uma paisagem específica, sendo que os lugares, e as particularidades que definem esses lugares, ocupam um papel central nas narrativas de tradição oral.

Vivendo maioritariamente em território inóspito – em áreas desérticas dos estados do Arizona e do Novo México –, os Pueblo olham com atenção e respeito as especificidades dos lugares, pois a sua sobrevivência depende do conhecimento acumulado ao longo de gerações: «So little lies between you and the sky. So little lies between you and the earth. One look and you

---

\* Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD); Centro de Estudos em Letras (CEL).

<sup>1</sup> Leslie Marmon Silko (1948-) é autora, entre outras, das seguintes obras: *Laguna Woman: Poems* (1974), *Ceremony* (1977), *Storyteller* (1981), *Almanac of the Dead* (1991) e *Gardens in the Dunes* (1999).

know that simply to survive is a great triumph, that every possible resource is needed, every possible ally – even the most humble insect or reptile» (Silko, 1996: 275). A paisagem despida e árida do Sudoeste torna claro aos Pueblo a sua dependência da terra e, além do mais, que a sua subsistência depende da harmonia e cooperação entre todos aqueles que constituem a comunidade – humana e não humana – de um lugar.

Justifica-se assim, como refere Silko, que as histórias de tradição oral, contadas ao longo de gerações, incluem referências a lugares específicos, lugares esses com uma dimensão mítica e espiritual para os Pueblo, o que significa que cada um desses locais teve um papel relevante na viagem interior de cada um dos membros da tribo, como assinala Donelle Dreese: «These stories within the oral tradition describe specific landscapes from which a tribe derives its means for survival, its cultural symbols, its sense of self, and its spirituality» (Dreese, 2002: 8). Essas narrativas oferecem aos Pueblo a consciencialização não só de que a sua sobrevivência resulta da cooperação entre os diversos organismos que constituem um lugar, mas também da sua responsabilidade ética para com essa mesma comunidade. Além disso, acrescenta Silko, para os Pueblo, a vida humana e não humana provém de uma mesma fonte, visão que rejeita a dualidade cartesiana, essa que separa o ser humano do mundo natural (Silko, 1996: 273).

Assim entendido, o lugar adquire sentidos que vão muito para além das características meramente geográficas e físicas, sendo que a interação do indivíduo com um lugar específico assume um papel importante na sua formação identitária, uma ideia que a própria Silko oferece no início de *The Turquoise Ledge*: «All my life at Laguna I was surrounded by people who loved to tell stories because it was through the spoken word and human memory that for thousands of years the Pueblo people had recorded and maintained their entire culture. The stories I loved to hear were part of my early training» (TL: 27).<sup>2</sup>

Estudos ecocríticos sobre a categoria «lugar» têm chamado a atenção para as múltiplas relações a considerar quando se refere a experiência do lugar, salientando, nomeadamente, que as relações entre os indivíduos e os lugares se baseiam em inter-relações sociais, espirituais, identitárias e económicas, ou seja, que os lugares são significativos na formação da consciência individual.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> *The Turquoise Ledge: A Memoir*, obra publicada pela primeira vez em 2010, e de agora em diante assinalada no texto como TL.

<sup>3</sup> A este propósito, ver, nomeadamente, Doreen Massey, «Geographies of Responsibility» e Joni Adamson, *American Indian Literature, Environmental Justice, and Ecocriticism*.

Estes estudos, fruto de preocupações em relação à crise ambiental e às injustiças políticas e humanitárias a ela associadas, partilham com a perspectiva ameríndia a ideia da existência de relações de interdependência e interação entre os seres humanos e os não humanos e que só uma consciência aguda destas relações conduzirá ao respeito pela Terra nas vertentes material e espiritual.

Numa reflexão sobre o papel do lugar em *The Turquoise Ledge* (2010), de Leslie Marmon Silko, é meu propósito salientar o modo como, através da atenção dada à geografia – mas também à mitologia, à economia, às relações de poder – de uma paisagem particular, Silko se define a si mesma, promovendo, ao mesmo tempo, uma visão holística do lugar. Paralelamente, pretendo chamar a atenção para a proximidade entre a perspectiva veiculada por Silko em *The Turquoise Ledge* e os princípios definidores da ecocrítica, linha crítica recente que privilegia a leitura do texto literário a partir de uma consciência mais bio e ecocêntrica das relações do indivíduo com o meio físico com o qual interage. Assim, *The Turquoise Ledge* é aqui apresentada como uma obra que tem como ideia central a concepção do sujeito como um ser fundamentalmente relacional, que se relaciona e interage, não apenas num contexto social, mas também num contexto biótico.<sup>4</sup>

Por outro lado, e como reconhece Donelle Dreese, «Ecocriticism, much like some American Indian philosophies, promotes and teaches the interdependence and connectedness of all living things, which means that any study of human existence would be insufficient if it did not place us within an environmental context» (Dreese, 2002: 8). Ou seja, perante a crise ambiental que afecta o planeta, *The Turquoise Ledge* oferece uma relação baseada no respeito e na reciprocidade – a terra dá, mas o seu contributo é reconhecido através da oração, do ritual, da cerimónia –, pondo em evidência a necessidade de se manter o

---

<sup>4</sup> Como salienta Cheryll Glotfelty, o termo «ecocrítica» mantém uma relação de proximidade com a ciência da Ecologia e com o estudo das relações entre os seres vivos, orgânicos e inorgânicos, a que associa um pendor ético: «*Eco-* implies interdependent communities, integrated systems, and strong connections among constituent parts» (xx). Para uma introdução à ecocrítica, ler também *Ecocriticism*, de Greg Garrard e, mais recente, *Literature and the Environment*, editado por Louise Westling, onde se pode ler: «Twentieth-century sciences of relativity theory, quantum physics, paleoanthropology, evolutionary biology, and studies in ecological dynamism have challenged literary explorations of human experience in most major cultures by now. Ecocriticism grows out of this context, in some ways reviving pastoral and romantic attitudes toward the natural world, but informed by modern Science and responding to alarm about the fragility of biological environment increasingly devastated by human Technologies» (Westling, 2014: 5).

equilíbrio entre os diferentes organismos e espécies. A análise ecocrítica de *The Turquoise Ledge* reforça, pois, a ideia de interdependência e interligação entre todas as entidades constituintes de um lugar; além disso, salienta que o conhecimento que cada indivíduo tem acerca de si deverá traduzir-se também numa consciência precisa acerca do seu lugar no mundo – físico, social e biótico.

Em *The Environmental Imagination: Thoreau, Nature Writing, and the Formation of American Culture*, Lawrence Buell propõe que qualquer análise ecocrítica deva destacar a inter-relação entre a história do ser humano e a história natural, a existência de empatia pelo não humano, a presença de uma orientação ética relativamente ao mundo natural e a ideia de que o ambiente é processo, e não algo constante e adquirido (Buell, 1996: 7-8). Nessa obra, questiona ainda Buell: «Must literature always lead us away from the physical world, never back to it?» (*ibid.*: 11).

Nesta reflexão, é meu objectivo sugerir que *The Turquoise Ledge* contribui para uma crescente consciencialização da importância da singularidade do lugar, articulando a experiência e a sensibilidade individual com a presença de outros seres envolventes – animados e não animados –, e a dramatização do processo de diluição do ‘eu’, para que mais facilmente o sujeito se funda com a vida envolvente da comunidade biótica: «As I walked I looked at the dark basalt hills, and at the cactus and shrubs and trees; all of them where in harmony with one another, and I felt within that beauty» (TL: 236). Além do mais, o redireccionamento do olhar do leitor para a cultura dos Pueblo, para a singularidade da sua relação com os lugares onde habitam, apresenta-se como modelo de cooperação para todos aqueles que vivem sob o peso uniformizador da globalização. Deste modo, sugiro, a obra de Silko surge como exemplo de um olhar conscientemente comprometido com um local, oferecendo, além disso, um modelo ético do que poderia ser uma relação autêntica com um lugar, um qualquer lugar, e o modo de o conseguir (Kern, 2000: 28).

Gostaria, no entanto, de salientar que, se, por um lado, a proximidade da narradora ao espaço que descreve coloca *The Turquoise Ledge* dentro de uma tradição literária ameríndia, caracterizada pela relação intensa e inalienável com a terra, por outro lado, a obra é exemplo da atracção que a singularidade das paisagens, dos lugares, tem exercido sobre diversos escritores norte-americanos, tornando-se uma vertente significativa da tradição literária dos Estados Unidos.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> A este propósito, ver *This Incomparable Land: A Guide to American Nature Writing* de Thomas Lyon.

Lembrando a actividade desenvolvida por Susan Fenimore Cooper em Cooperstown, Nova Iorque, e por Henry David Thoreau em redor do lago Walden, em meados do século XIX, Silko retoma a caminhada como um meio de envolvimento entre o ser humano e o mundo físico circundante, observando, anotando, registando: «So many of the plants and shrubs and the birds and snakes of the Sonoran desert were unfamiliar – I had a wonderful time reading and learning about them as I watched them outside my house» (TL: 81). Tal como em *Rural Hours* (1850) e *Walden* (1854) – e, no século XX, por exemplo, *The Land of Little Rain* (1903), de Mary Austin, e *Pilgrim at Tinker Creek* (1974) –, *The Turquoise Ledge* partilha com aquelas obras a «experiência na natureza», algo que, segundo Thomas Lyon, se caracteriza pelo gosto de caminhar ao ar livre, pela observação atenta da natureza e pelo prazer da descoberta: «Experience in nature – the feel of being outdoors, the pleasure of looking closely, and the sense of revelation in small things closely attended to» (Lyon, 2001: 21). Porém, a anotação nunca é meramente enumerativa; a valorização da paisagem e a ponderação acerca dos valores que o ser humano lhe confere são sempre estabelecidas a partir de «um conhecimento empírico» (Buell, 1996: 269).

A procura do(s) sentido(s) do «lugar», inerente a uma análise ecocrítica, também presente nos estudos regionais, rejeita, contudo, associar o estudo do lugar a imagens e conceitos que indiciem apenas permanência e enraizamento. Como aponta Jeff Fearnside, os lugares devem oferecer ao indivíduo ideias sobre flexibilidade e movimento, e não imagens de algo associado ao imutável e à imobilidade (Fearnside, 2012: 767). Os lugares vivem, tal como os indivíduos, do movimento, e a tentativa de os fixar através de palavras pressupõe já um recorrer à memória e à imaginação, pois os lugares modificam-se, e o ser humano com eles. Por outro lado, agarrada à descrição de um lugar, vem a subjectividade de quem olha, e daí os lugares, tal como surgem no texto literário, estarem carregados de sentidos, de expressividade, de emoção. Neste sentido, *The Turquoise Ledge* ilumina a afirmação de Fearnside – «[t]he places in our lives are part of the constantly evolving aggregate of who we are» (*ibid.*: 770) –, exemplificando igualmente o tratamento de certos lugares como se estes fossem uma outra personagem, uma entidade viva, «uma alma gémea» (*ibid.*).

Esses lugares, definidos embora a partir do olhar subjectivo de Silko, servem, em última análise, para questionar o lugar de cada um, nesse e em qualquer outro lugar do mundo. Esta perspectiva é relevante, se se pensar, como refere Leonard Lutwack, que o nosso tempo é caracterizado por aquilo que designa por «the condition of placelessness» (Lutwack, 1984: 213). Ou seja, contra

um contexto social – e consequentemente literário – no qual predominam o desenraizamento, a globalização e a uniformização dos espaços, a análise ecocrítica de *The Turquoise Ledge* sublinha a atenção que Silko dá ao processo em que «o espaço assume inteligibilidade e se torna frequentado, representado, habitado e transformado em lugares, definido por limites e fronteiras que o articulam, diferenciando-o simbólica e funcionalmente» (Bonesio, 2012: 203). Assim, parafraseando Luisa Bonesio, pode afirmar-se que *The Turquoise Ledge* ilustra uma visão «baseada no conhecimento, no cuidado e no respeito pelo lugar» (Bonesio, 2012: 208). Além do mais, *The Turquoise Ledge* «não pensa apenas a identidade de um lugar», mas também «a identificação que uma pessoa ou um grupo têm com um lugar específico» (Bonesio, 2012: 209).

Como já referi, em *The Turquoise Ledge: A Memoir*, o leitor é confrontado com a singularidade de um lugar em articulação e diálogo com os seus diferentes habitantes. Partindo de um olhar autoficcional – pois, como refere na introdução, Silko faz de si mesma uma personagem, para assim poder construir um auto-retrato (TL: 1) –, esta é uma obra que oferece essencialmente um olhar relacional, como se depreende da leitura do índice da obra. Dividida em cinco partes – «Ancestors», «Rattlesnakes», «Star Beings», «Turquoise» e «Lord Chapulin» –, a obra é o resultado de uma leitura pessoal da paisagem, a que se juntam reflexões de carácter histórico, filosófico e espiritual. O local que Silko descreve é construído a partir do entrelaçamento de relações múltiplas – entre a vida humana e um conjunto de particularidades físicas e espirituais associadas ao local: o solo, o tempo atmosférico, as plantas, os animais, os mitos.

A narrativa de *The Turquoise Ledge* tem como linha estrutural as caminhadas diárias de Silko, ao longo de cerca de dois anos, em redor do local onde vive, nas montanhas de Tucson, por entre a paisagem do deserto de Sonora: «The idea was that the exercise and open air would help release my mind into a less self-conscious state where I could better perceive the delicacy of the light and the dawn moisture in the breeze. [...] Also the pace of the walks helped me edit the experience of the walks to the essentials» (TL: 7). E, desde o início da narrativa, está presente a ideia de dificuldade: caminhar naquele terreno, «the steep rough terrain» (TL: 5), é uma tarefa árdua. Caminha por carreiros estreitos e antiquíssimos – «the trails are narrow footpaths made by the ancient tribal people who lived in the Tucson Mountains for thousands of years» (*ibid.*) –, observando o modo como a vida animal e humana se têm entrelaçado naquele lugar.

Silko repara nos lagartos e nas corujas, debruça-se sobre as construções feitas pelas formigas, assinala a presença de escavações mineiras e a forma como

estas influenciaram a vida dos habitantes da região. Esta perspectiva sobre as minas, por exemplo, materializa os conflitos que ocorrem num determinado território – que Joni Adamson designa por «contested terrain» (Adamson, 2001: xvii) –, onde, cada vez mais, maior número de pobres e marginalizados vivem problemas sociais suscitados por questões ambientais.

Em *The Turquoise Ledge*, surgem, lado a lado, preocupações de cariz social e anotações de carácter atmosférico, sendo as nuvens um elemento particularmente interessante para Silko. As múltiplas referências transmitem informações diversas, quer de pendor científico – «Nimbostratus are dark gray to deep blue clouds formed from water droplets. They are rain and snow clouds that are deep and foggy with the falling precipitation; a dim light glows from within» (TL: 123) –, quer de valor espiritual – «Another gathering of rain clouds. Our beloved ancestors return to us as rain» (TL: 171).

Justificando o subtítulo da obra de Silko, *A Memoir*, o capítulo inicial, «Ancestors», remete o leitor para o passado, narrando alguns dos episódios conflituosos que opuseram os povos nativos e os conquistadores europeus, nomeadamente na região do Sudoeste dos Estados Unidos. Dá conta, ao mesmo tempo, do modo de vida desses povos, do que produziam, dos deuses que respeitavam. Silko confere, além disso, uma atenção muito especial às narrativas orais contadas de geração em geração, sugerindo uma ligação entre o seu forte pendor imaginativo e a tradição oral. Nunca se sente sozinha ou com medo quando na natureza, pois as histórias que os seus antepassados lhe contaram falam de um mundo sempre em diálogo: «The hummah-hah stories described the conversations coyotes, crows and buzzards used to have with human beings» (TL: 45). Por seu lado, «the clouds and winds and rivers also have their ways of communication» (*ibid.*); daí, como refere, o seu interesse por estas entidades e o seu envolvimento «na descoberta do que pode ser dito sem palavras» (*ibid.*).

Esta dimensão simbólica da experiência está, porém, enraizada num saber profundamente localizado: «Local indigenous languages hold the keys to survival because they contain the nouns, the names of the plants, insects, birds and mammals important locally to survival» (TL: 46). Esta sabedoria ilustra que, em *The Turquoise Ledge*, nem só o interesse humano é visto como legítimo, o que, de acordo com os critérios de Lawrence Buell atrás enunciados, torna a obra de Silko um texto que privilegia um olhar inclusivo e holístico. Os seres que compõem aquela paisagem – sejam eles humanos ou não – surgem dentro de um *habitat*, numa história particular que os contextualiza, iluminando, desse modo, as inter-relações existentes.

Como já referi, a ecocrítica tem como propósito chamar a atenção para a necessidade de se aprender a ler a Terra: as especificidades vivas do território e as histórias que contam. Um dos contributos importantes para essa leitura é a informação oferecida pela geografia: «Each province is unique because it has a special combination of underlying rocks and prevailing climate, and it has experienced its own peculiar geologic history» (Ritter 62). Sobre a geologia da região que descreve, Silko refere: «the unique geology of the Tucson Mountains makes the place a rock hound's paradise. There are a number of anomalous formations and rocks that indicate metamorphic activity» (TL: 143), demonstrando saber dosear o conhecimento científico – «The turquoise only forms because water interacts with the calcite and the copper and aluminum» (TL: 190) – e o mitológico: «Turquoise is the ritual color of Tlaloc, the Nahua God of Rain» (TL: 144).

O interesse de Silko pelas pedras, nomeadamente pela turquesa, ou mais concretamente pela crisocola, corresponde precisamente ao seu desejo de conhecer – literalmente – o solo da sua região: «I started to notice the pebbles and rocks in the fine white sand, and the animal tracks and signs of coyote and bobocat in the arroyo. I began to find small rocks and pebbles streaked with turquoise» (TL: 6). É também, uma vez mais, a oportunidade de a narradora se desprender de um olhar meramente antropocêntrico e encetar um diálogo de entendimento e aceitação com o universo não humano que a rodeia.

Para Silko, a constituição do solo está directamente relacionada com o modo de vida, com os produtos que se cultivam e colhem, com os deuses que se invocam, e, também, com questões sociais e políticas. Na região, a presença de pedras que contêm urânio – «[...] beautiful – bright glowing colors of lemon yellow and lime green on yellow sandstone» (TL: 71) – traçou o destino à população daqueles lugares, em grande parte pertencente a tribos nativas. A procura de urânio e os testes nucleares durante a Guerra Fria deixaram a região do Sudoeste contaminada e a população enfraquecida. É possível, além de tudo o mais, que o seu interesse pelas pedras, aliado ao acto de caminhar, seja uma forma de viagem «em direcção a casa e a uma pertença identitária» (Owen, 2002: 113).

Se a singularidade das paisagens e dos lugares nasce a partir da sua especificidade geológica (Ritter 72), é interessante pensar que Silko faz desta matéria o centro da sua narrativa – «I've learned that I'm surrounded by turquoise ledges» (TL: 211). Em certo sentido, a autora quer compreender o chão da sua casa, a essência da sua cultura. Ao fazê-lo, convida o leitor a reflectir sobre a sua própria realidade, é certo, mas leva-o também a (re)considerar as relações que

estabelece com a sua casa, não apenas o edifício que lhe serve de abrigo, mas a casa como planeta – *oikos* –, termo que originalmente designava tudo aquilo que está em redor da casa, todas as relações.

Tal como as pedras, também os animais, nomeadamente as cascavéis, são inseridos e compreendidos dentro de um *habitat* que inclui o solo, o clima, a presença humana. Silko demonstra o seu grande apreço por estes animais – deixa-os viver ora dentro de casa, ora no jardim –, procurando entender as características que levaram algumas tribos das Américas, mas também povos europeus, a olharem a serpente como «uma entidade sagrada» (TL: 121). Mais importante para esta reflexão, as cascavéis surgem também como seres que ajudam a ler a paisagem: «Steep banks of violet blue cumulus drift over the southwest horizon, off the Gulf of California; later in the morning, the rattlesnakes come out in anticipation of the rain. [...] They favor spots near sources of water or shade, so it is easy to anticipate where they may be» (TL: 82). Silko aceita, pois, a íntima ligação entre estes répteis e a paisagem do deserto e, por isso, oferece conselhos de coexistência: «I have a sketch for a snake house for the garden made with five rectangular pieces of gray slate from south of Laguna [...]. If you give the snakes a secluded cool area in the summer you will seldom see them elsewhere» (TL: 114).

O mesmo processo de atenção permite a Silko saber que a chuva, rara naquela região, quando chega, arrasta consigo legiões de gafanhotos (TL 278). Ao mesmo tempo, Silko enquadra este insecto na mitologia ameríndia, apresentando-o como «One of the Lords of the Rain» (*ibid.*), guiando o leitor por uma paisagem que, como se referiu, se constrói de especificidades físicas, mas que é também um repositório de práticas culturais e de relações.

A propósito da presença de animais em *Ceremony*, o romance que Silko publica em 1977, Peter Beidler afirma algo que ilustra também o seu simbolismo em *The Turquoise Ledge*: «They [Indians] must, if they are to survive, learn to know what to accept and what to resist. They must accept the natural world around them, the world the wild animals know and accept. They must accept a role that permits them to live as close to the way animals live as possible» (Beidler, 2002: 22). O território onde se situa a narrativa de *The Turquoise Ledge* é, assim, o lugar onde Silko situa a narrativa pessoal, mas também colectiva, aquela que, tal como as camadas geológicas sobrepostas, forma os sucessivos legados culturais e espirituais do seu povo.

O legado dos seus antepassados, as suas histórias, os seus locais de culto, contribuem para uma visão mais nostálgica quando se trata do confronto com a mudança, com a transformação da paisagem. Quando, num dos seus passeios

diários, Silko avista uma máquina a arrasar e a arrastar pedregulhos, perde a energia e a confiança: «I saw that the man and his machine has removed more large boulders and further destroyed the habitat on the bottom of the big arroyo» (TL: 295). Repudia este acto, porque vê nele uma prática de violência não só para com a terra, que, segundo ela, merece respeito, mas para com a memória dos seus antepassados, que conheceram e preservaram aqueles lugares durante gerações. No entanto, a sabedoria herdada permite-lhe prever a regeneração da paisagem: «Eventually a five hundred year rain would come and carry down boulders from the slopes of the Black Mountain to jam the big arroyo at that place once again» (TL: 296).

Atenta à passagem das nuvens, do vento, das estações do ano, Silko reconhece a presença do movimento e a sua influência em todos os seres vivos, humanos e não humanos, privilegiando, deste modo, os «processos, mais do que as constantes» (Buell 8), pois sabe que no deserto os seres vivos não permanecem mortos durante muito tempo, depressa se transformam em vida para outras plantas e seres (TL: 166). Do mesmo modo, a paisagem que vê transformada pela máquina será reposta, pois «os pedregulhos são viajantes» – do mar à terra e, de novo, ao mar: «The detour the man and the machine took them on mattered less than a molecule. They [the boulders] will be on their way once more on the Santa Cruz River on its way to join the Salt River then on to the Colorado at Yuma and finally to the sea» (TL: 315). No final da narrativa, e um ano depois de ter encontrado os sinais de destruição da paisagem, refere a serenidade do lugar: «The boulders were beginning to lose the appearance of sudden violence; the machine tracks were smoothed by the rain» (TL: 318). Sublinhe-se que, neste passo, Silko enquadra a fragilidade da presença humana num ciclo mais largo do movimento da Terra e da inevitabilidade da transformação: «As the stones from millions of years reckon it, man and machine are no more than a shadow of a mote of dust» (TL: 315).

Tal como surge em *The Turquoise Ledge*, cada lugar é repositório das interações entre o indivíduo e esse local. Se a sensibilidade nativa sublinha o respeito pelos lugares, divergindo da visão maioritária que privilegia uma visão utilitarista e dominadora, a obra *The Turquoise Ledge* exemplifica a alteração de atitudes que Aldo Leopold vê como necessárias à existência de uma ética da terra: «Uma alteração interna das nossas prioridades intelectuais, das nossas lealdades, afectos e convicções» (Leopold, 2008:194). Por isso, é também exemplo de como a relação com o lugar se estabelece através da experiência e da proximidade, um envolvimento pessoal, cultural e ético que aproximam o sujeito e o lugar e, posteriormente, o leitor, levando-o a (re)pensar e a

(re)agir em relação à experiência – prática e ética – dos lugares que definem a sua existência.

Se a ecocrítica parte do princípio de que o vínculo entre o mundo físico e o indivíduo carece de reflexão (Buell, 1996: 261), a atenção conferida aos lugares através do uso estético da linguagem faz com que esses lugares «ganhem nova vida», uma «nova medida» (*ibid.*). Por outro lado, sendo a caminhada o elemento estruturante de *The Turquoise Ledge*, um processo de absorção da realidade que tem no corpo e nos sentidos o elemento central, o movimento influencia e molda as palavras usadas por Silko. Este diálogo entre o texto e o contexto (Opperman, 2006: 108) tem, pois, como objectivo revitalizar a linguagem através do contacto com um mundo percebido como vivificante e diverso, algo que reflecte a intrínseca relação entre a riqueza e a diversidade da palavra literária, a biodiversidade e o acto de caminhar, uma interacção que promove uma cosmovisão ecológica, integradora e inclusiva, aberta e fluída.

Quando questionada sobre o sentido de ter escolhido falar num registo memorialístico, Silko refere o gosto pela forma híbrida, essa que lhe permite colocar lado a lado observações sobre os lugares e as criaturas do deserto, e notas pessoais (Silko, 2011: [s.p.]). Por outro lado, a actividade de caminhar acentua essa flexibilidade e hibridismo, pois caminhar é estar receptivo, é «um convite ao encontro» (Le Breton, 2011: 20). É, além disso, uma forma de relacionamento elementar com o universo, uma interpenetração com o mundo em contínua transformação, em contínuo fazer-se, o que resulta numa atitude de humildade, «de abertura à transformação, à descoberta e ao mistério» (Le Breton, 2011: 156). As palavras de Silko ilustram a intimidade que se estabelece entre o indivíduo e o local onde caminha, de modo a que a mente, o corpo e o mundo estejam em uníssono, como se, nas palavras de Rebeca Solnit, «they were three characters finally in conversation together» (Solnit, 2002: 5).

Em *The Turquoise Ledge*, através de caminhadas diárias ao longo de cerca de dois anos, Silko devolve vida à singularidade de um lugar, ou, como refere Buell, «faz renascer aquilo que é familiar» (Buell, 1996: 261); o que já se conhece surge como novo. E daqui se pode inferir que, por um lado, se este tipo de escrita não repara – literalmente – os danos provocados nas paisagens e na biosfera, por outro lado, ao (re)orientar a atenção do leitor, contribui certamente para a regeneração de práticas em relação ao mundo físico de que o ser humano faz parte. Assim sendo, ao representar o lugar onde habita como uma entidade não apenas física, mas psicológica, ideológica, histórica e ambiental, Silko promove a alteração de consciências e comportamentos, no sentido de fomentar a construção de um lugar – de uma casa comum – mais habitável.

Parafrazeando Lawrence Buell, pode afirmar-se que *The Turquoise Ledge* ilustra o envolvimento imaginativo e criativo com um lugar, esse que tem início na afeição, na relação de intimidade de um indivíduo com um lugar concreto, mas que parte desse encontro para, através da linguagem, mergulhar no universo mais vasto: «Sometimes early in the morning when I walk the trail the air is cool and faintly scented with rain. Just before the sun rises over the mountains, incandescence floods over the bright greens of the mesquite leaves and the jade greens of the tall saguaros. A breeze stirs and there is a silence as it might have been five hundred or a thousand years ago. No sound anywhere in the distance from a train, jet, car or even a dog. Here the desert is as it always was» (TL: 148).

Concluindo, julgo que o texto de Silko responde à questão, já aqui enunciada, de Buell: «Must literature always lead us away from the physical world, never back to it?» (Buell, 1996: 11), manifestando a convicção de que a palavra literária (re)conduz o indivíduo ao mundo físico. Em *The Turquoise Ledge*, a autora não só desloca o olhar do leitor em direção a um lugar concreto como, desejavelmente, o leva a reconhecer os lugares que o rodeiam e, através do respeito e da humildade, a concebê-los como uma comunidade, uma casa. Para isso, Silko insiste em práticas relacionais, ou seja, em modos de ler e estar na paisagem que conduzam o indivíduo a reconhecer que os lugares – mas também o mundo – vivem da reciprocidade, da coabitação entre seres humanos e não humanos.

## Referências Bibliográficas

- ADAMSON, Joni (2001), *American Indian Literature, Environmental Justice, and Ecocriticism. The Middle Place*, Tucson, University of Arizona Press.
- ALLEN, Paula Gunn (1996), «The Sacred Hoop: A Contemporary Perspective», in: GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (orgs.), *The Ecocriticism Reader. Landmarks in Literary Ecology*, Athens/London, The University of Georgia Press, p. 241-263.
- ARNOLD, Ellen (2000), *Conversations with Leslie Marmon Silko*, Jackson, University Press of Mississippi.
- BONESIO, Luisa (2011), «Habitar a Terra e reconhecer-se nos lugares», in: *Filosofia e Arquitectura da Paisagem: Um Manual*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, p. 203-210.

- BEIDLER, Peter (2002), «Animals and Theme in *Ceremony*», in: CHAVKIN, Allan (org.), *Leslie Marmon Silko's 'Ceremony'*, Oxford, Oxford University Press, p. 17-22.
- BUELL, Lawrence (1996), *The Environmental Imagination: Thoreau, Nature Writing and the Formation of American Culture*, Cambridge/London, The Belknap Press of Harvard University Press.
- DREESE, Donelle (2002), *Ecocriticism: Creating Self and Place in Environmental and American Indian Literature*, New York, Peter Lang.
- FEARNSIDE, Jeff (2012), «Place as Self», *ISLE*, 19 (4), p. 767-770.
- GARRARD, Greg (2004), *Ecocriticism*, London/New York, Routledge.
- GLOTFELTY, Cheryll (1996), «Introduction: Literary Studies in an Age of Environmental Crisis», in: GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (orgs.), *The Ecocriticism Reader. Landmarks in Literary Ecology*, Athens/London, The University of Georgia Press, p. xv-xxxvii.
- KERN, Robert (2000), «Ecocriticism – What Is It Good For?», *ISLE*, 7 (1), p. 9-32.
- LE BRETON, David (2011), *Elogio del Caminar*, Madrid, Siruela.
- LEOPOLD, Aldo (2008), *Pensar como Uma Montanha*, Tradução das Edições Sempre-em-Pé, Águas Santas, Edições Sempre-em-Pé [1.ª edição 1949].
- LUTWACK, Leonard (1984), *The Role of Place in Literature*, Syracuse, Syracuse University Press.
- LYON, Thomas (2001), *This Incomparable Land: A Guide to American Nature Writing*, Minneapolis, Milkweed Editions.
- MASSEY, Doreen (2004), «Geographies of Responsibility», *Geografiska Annaler*. 86 B (1), p. 5-18.
- OPPERMAN, Serpil (2006), «Theorizing Ecocriticism: Toward a Postmodern Ecocritical Practice», *ISLE*, 13 (2), p. 103-128.
- OWEN, Louis (2002), «'The Very Essence of our Lives'. Leslie Silko's Webs of Identity», in: CHAVKIN, Allan (org.), *Leslie Marmon Silko's 'Ceremony'*. Oxford, Oxford University Press, p. 91-116.
- RITTER, Dale (1995), «The Geological Perception of Landscape», in: THOMPSON, George (ed.): *Landscape in America*. George Thompson (ed.), Austin, University of Texas Press, p. 61-72.
- SILKO, Leslie Marmon (2010), *The Turquoise Ledge: A Memoir*, New York, Penguin Books.
- (1996), «Landscape, History, and the Pueblo Imagination», in GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (orgs.), *The Ecocriticism Reader. Landmarks in Literary Ecology*, Athens/London, The University of Georgia Press, p. 264-275.

- «Leslie Marmon Silko: *The Turquoise Ledge*», URL: <http://www.youtube.com/watch?v=LmnPOECYVHk> (Consultado em 2 de Outubro 2013).
- SOLNIT, Rebecca (2002), *Wanderlust: A History of Walking*, London/ /New York, Verso.
- WESTLING, Louise (2014), «Introduction», in WESTLING, Louise (ed.), *Literature and the Environment*, Cambridge, Cambridge University Press, p. 1-13.

TÍTULO: A singularidade do lugar em *The Turquoise Ledge* de Leslie Marmon Silko

RESUMO: Esta reflexão sugere que *The Turquoise Ledge: A Memoir* de Leslie Marmon Silko (2010) é um bom ponto de partida para se tentar perceber as relações entre o ser humano e o lugar. Sugere, igualmente, que este texto é um contributo válido para se tentar responder à questão enunciada por Lawrence Buell: «Será que a literatura nos conduz sempre para longe do mundo físico e nunca de volta a ele?» Silko, de profundas raízes nativas, propõe uma visão do mundo baseada em relações espirituais – com a paisagem, os animais e as plantas –, promovendo, ao mesmo tempo, o respeito pelos lugares. Além do mais, *The Turquoise Ledge*, se lida numa perspectiva ecocrítica, exemplifica a alteração de atitudes que Aldo Leopold vê como necessárias à existência de uma ética da terra, uma nova ética que tenha em consideração a relação do ser humano com a terra, os animais e as plantas. Através das caminhadas diárias nas montanhas de Tucson, Silko não só promove a observação cuidada e atenta, como, desejavelmente, leva o leitor a olhar de novo os lugares que o rodeiam e, através do respeito e da humildade, a concebê-los como comunidade e casa.

TITLE: The Uniqueness of Place in *The Turquoise Ledge* by Leslie Marmon Silko

ABSTRACT: This reflection suggests that *The Turquoise Ledge: A Memoir* by Leslie Marmon Silko (2010) is a good starting point for understanding the relationship between humans and place. It also suggests that Silko's text is a valid attempt to answer the question posted by Lawrence Buell: «Must literature always lead us away from the physical world, never back to it?», emphasizing that Silko's spiritual connection to animals and landscapes conveys a new relationship to nature in general. Moreover, from an ecocritical perspective, *The Turquoise Ledge* exemplifies the changing attitudes that Aldo Leopold sees as necessary for the existence of a land ethic, one that takes into account the relationship between human beings and the earth, the animals and the plants. Through daily walks in the Tucson Mountains, Silko not only encourages careful and attentive observation of the natural world, but, hopefully, guides the reader to look anew at the places around him and, through respect and humility, to think of them as community and home.

Data de recepção / date of submission: 5.2014

Data de aceitação / date of acceptance: 6.2014